

821.158.1-2

1934

6712



Charles Baudelaire

As Flores do Mal

Tradução, introdução e notas de
IVAN JUNQUEIRA

SISBIN - UFOP




EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Est

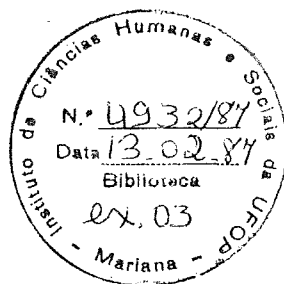
14
14
22
2
1
Mod

Título original: LES FLEURS DU MAL

© da tradução: 1985, by Ivan Nóbrega Junqueira

Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos pela
 EDITORA NOVA FRONTEIRA S/A
 Rua Bambina, 25 — Botafogo — CEP 22251
 Endereço telegráfico: NEOFRONT — Telex: 34695 ENFS BR
 Rio de Janeiro, RJ

Revisão tipográfica:
 HENRIQUE TARNAPOLSKY
 NAIR DAMELTO
 URANGA



CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
 Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B339f Baudelaire, Charles, 1821-1867.
 As flores do mal / Charles Baudelaire; tradução e notas de Ivan Junqueira. — Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.
 (Poesia de todos os tempos)

Tradução de: Les fleurs du mal.
 Bibliografia.

1. Literatura francesa - Poesia. I. Junqueira, Ivan, 1934- trad. II. Título. III. Série.

85-0959

CDD - 841

SUMÁRIO

Calendário baudelaireano, 13
 Obras de Charles Baudelaire, 41
 A arte de Baudelaire, 45

AS FLORES DO MAL

Ao leitor, 99

SPLEEN E IDEAL

- I. Bênção, 105
- II. O albatroz, 111
- III. Elevação, 113
- IV. Correspondências, 115
- V. *Amo a recordação daqueles tempos nus*, 117
- VI. Os faróis, 121
- VII. A musa doente, 125
- VIII. A musa venal, 127
- IX. O mau monge, 129
- X. O inimigo, 131
- XI. O azar, 133
- XII. A vida anterior, 135
- XIII. Ciganos em viagem, 137
- XIV. O homem e o mar, 139
- XV. Dom Juan nos infernos, 141
- XVI. Castigo do orgulho, 143
- XVII. A beleza, 145
- XVIII. O ideal, 147

- XIX. A gigante, 149
 XX. A máscara, 151
 XXI. Hino à beleza, 153
 XXII. Perfume exótico, 157
 XXIII. A cabeleira, 159
 XXIV. *Te amo tal como se ama a abóbada noturna*, 161
 XXV. *Porias o universo inteiro em teu bordel*, 163
 XXVI. Sed non satiata, 165
 XXVII. *Envolta em ondulante traje nacarado*, 167
 XXVIII. A serpente que dança, 169
 XXIX. Uma carniça, 173
 XXX. De profundis clamavi, 177
 XXXI. O vampiro, 179
 XXXII. *Certa noite bem junto a uma horrenda judia*, 181
 XXXIII. Remorso póstumo, 183
 XXXIV. O gato, 185
 XXXV. Duellum, 187
 XXXVI. A varanda, 189
 XXXVII. O possesso, 191
 XXXVIII. Um fantasma, 193
 I. As trevas, 193
 II. O perfume, 195
 III. A moldura, 197
 IV. O retrato, 199
 XXXIX. *Estes versos te dou para que, se algum dia*, 201
 XL. Semper eadem, 203
 XLI. Toda ela, 205
 XLII. *Que dirás esta noite, ó alma abandonada*, 207
 XLIII. O archote vivo, 209
 XLIV. Reversibilidade, 211
 XLV. Confissão, 213
 XLVI. A aurora espiritual, 217
 XLVII. Harmonia da tarde, 219
 XLVIII. O frasco, 221
 XLIX. O veneno, 223
 L. Céu nublado, 225
 LI. O gato, 227
 LII. A bela nau, 231
 LIII. O convite à viagem, 235
 LIV. O irreparável, 239
 LV. Conversa, 243

- LVI. Canto de outono, 245
 LVII. A uma madona, 249
 LVIII. Canção da sesta, 253
 LIX. Sisina, 257
 LX. Louvores à minha Francisca, 259
 LXI. A uma dama crioula, 263
 LXII. Moesta et errabunda, 265
 LXIII. A alma do outro mundo, 267
 LXIV. Soneto de outono, 269
 LXV. Tristezas da lua, 271
 LXVI. Os gatos, 273
 LXVII. Os mochos, 275
 LXVIII. O cachimbo, 277
 LXIX. A música, 279
 LXX. Sepultura, 281
 LXXI. Uma gravura fantástica, 283
 LXXII. O morto alegre, 285
 LXXIII. O tonel do ódio, 287
 LXXIV. O sino rachado, 289
 LXXV. Spleen, 291
 LXXVI. Spleen, 293
 LXXVII. Spleen, 295
 LXXVIII. Spleen, 297
 LXXIX. Obsessão, 299
 LXXX. O gosto do nada, 301
 LXXXI. Alquimia da dor, 303
 LXXXII. Horror simpático, 305
 LXXXIII. O heautontimoroumenos, 307
 LXXXIV. O irremediável, 309
 LXXXV. O relógio, 313

QUADROS PARISIENSES

- LXXXVI. Paisagem, 317
 LXXXVII. O sol, 319
 LXXXVIII. A uma mendiga ruiva, 321
 LXXXIX. O cisne, 325
 XC. Os sete velhos, 331
 XCI. As velhinhas, 335
 XCII. Os cegos, 343

Est

- XCVI. O jogo, 353
XCVII. Dança macabra, 355
XCVIII. O amor à mentira, 359
XCIX. *Nunca mais esqueci, da cidade vizinha*, 361
C. *À ama bondosa de quem tinhas tanto ciúme*, 363
CI. Brumas e chuvas, 365
CII. Sonho parisiense, 367
CIII. O crepúsculo matinal, 371

O VINHO

- CIV. A alma do vinho, 377
CV. O vinho dos trapeiros, 379
CVI. O vinho do assassino, 381
CVII. O vinho do solitário, 385
CVIII. O vinho dos amantes, 387

FLORES DO MAL

- CIX. A destruição, 391
CX. Mártir, 393
CXI. Mulheres malditas, 397
CXII. As duas boas irmãs, 399
CXIII. A fonte de sangue, 401
CXIV. Alegoria, 403
CXV. A Beatriz, 405
CXVI. Uma viagem a Citera, 407
CXVII. O amor e o crânio, 413

REVOLTA

- CXVIII. A negação de São Pedro, 417
CXIX. Abel e Caim, 419
CXX. As litânicas de Satã, 423

A MORTE

- CXXI. A morte dos amantes, 431
CXXII. A morte dos pobres, 433
CXXIII. A morte dos artistas, 435
CXXIV. O fim da jornada, 437
CXXV. O sonho de um curioso, 439
CXXVI. A viagem, 441

SUPLEMENTO ÀS FLORES DO MAL

Novas Flores do Mal (1866), 457

- I. Epígrafe para um livro condenado, 457
II. O exame da meia-noite, 459
III. Madrigal triste, 461
IV. O admoestador, 465
V. O rebelde, 467
VI. Bem longe daqui, 469
VII. Recolhimento, 471
VIII. O abismo, 473
IX. As queixas de um Ícaro, 475
X. A tampa, 477

Poemas acrescentados em 1868, 479

- XI. O cachimbo da paz, imitado de Longfellow, 479
XII. A prece de um pagão, 487
XIII. A lua ofendida, 489
XIV. A Théodore de Banville (1842), 491

MARGINALIA

- I. O crepúsculo romântico, 495

Poemas condenados, 497

- II. Lesbos, 497
III. Mulheres malditas (Delfina e Hipólita), 505

Mod.

- IV. O Letes, 513
- V. A que está sempre alegre, 515
- VI. As jóias, 519
- VII. As metamorfoses do vampiro, 523

Galanteios, 527

- VIII. O repuxo, 527
- IX. Os olhos de Berta, 531
- X. Hino, 533
- XI. As promessas de um rosto, 535
- XII. O monstro ou o padrinho de uma ninfa macabra, 537

Epígrafes, 545

- XIII. Versos para o retrato de Honoré de Daumier, 545
- XIV. Lola de Valência, 547
- XV. Sobre o *Tasso na prisão* de Eugène Delacroix, 547

Peças várias, 551

- XVI. A voz, 551
- XVII. O imprevisto, 553
- XVIII. O resgate, 557
- XIX. A uma malabarense, 559

Pilhérias, 563

- XX. As estréias de Amina Boschetti, 563
- XXI. A Eugène Fromentin, a propósito de um importuno que se dizia seu amigo, 565
- XXII. Uma tasca divertida na estrada de Bruxelas a Uccle, 571

Notas, 573

Bibliografia sobre Baudelaire, 633

Traduções de Baudelaire no Brasil, 648

A Dante Milano, meu amigo
I.J.

FLEURS DU MAL

FLORES DO MAL

LA DESTRUCTION

*Sans cesse à mes côtés s'agite le Démon;
Il nage autour de moi comme un air impalpable;
Je l'avale et le sens qui brûle mon poumon
Et l'emplit d'un désir éternel et coupable.*

*Parfois il prend, sachant mon grand amour de l'Art,
La forme de la plus séduisante des femmes,
Et, sous de spécieux prétextes de cafard,
Accoutume ma lèvre à des philtres infâmes.*

*Il me conduit ainsi, loin du regard de Dieu,
Haletant et brisé de fatigue, au milieu
Des plaines de l'Ennui, profondes et désertes,*

*Et jette dans mes yeux pleins de confusion
Des vêtements souillés, des blessures ouvertes,
Et l'appareil sanglant de la Destruction!*

A DESTRUIÇÃO

Sem cessar a meu lado o Demônio se agita,
E nada ao meu redor como um ar impalpável;
Eu o levo aos meus pulmões, onde ele arde e crepita,
Inflando-os de um desejo eterno e condenável.

Às vezes, ao saber do amor que a arte me inspira,
Assume a forma da mulher que eu vejo em sonhos,
E, qual tartufo afeito às tramas da mentira,
Acostuma-me a boca aos seus filtros medonhos.

10 Ele assim me conduz, alquebrado e ofegante,
Já dos olhos de Deus afinal tão distante,
As planícies do Tédio, infundas e desertas,

E lança-me ao olhar imerso em confusão
Trajes imundos e feridas entreabertas
— O aparato sangrento e atroz da Destruição!

UNE MARTYRE

DESSIN D'UN MAÎTRE INCONNU

*Au milieu des flacons, des étoffes lamées
Et des meubles voluptueux,
Des marbres, des tableaux, des robes parfumées
Qui traînent à plis somptueux,*

*Dans une chambre tiède où, comme en une serre,
L'air est dangereux et fatal,
Où des bouquets mourants dans leurs cercueils de verre
Exhalent leur soupir final,*

*Un cadavre sans tête épanché, comme un fleuve,
Sur l'oreiller désaltéré
Un sang rouge et vivant, dont la toile s'abreuve
Avec l'avidité d'un pré.*

*Semblable aux visions pâles qu'enfante l'ombre
Et qui nous enchaînent les yeux,
La tête, avec l'amas de sa crinière sombre
Et de ses bijoux précieux,*

*Sur la table de nuit, comme une renoncle,
Repose; et, vide de pensers,
Un regard vague et blanc comme le crépuscule
S'échappe des yeux révulsés.*

*Sur le lit, le tronc nu sans scrupules étale
Dans le plus complet abandon
La secrète splendeur et la beauté fatale
Dont la nature lui fit don;*

MÁRTIR

DESENHO DE UM MESTRE DESCONHECIDO

Em meio aos frascos de cristal, entre os brocados
E os finos móveis voluptuosos,
Mármore, quadros e vestidos perfumados
Que as dobras arrastam, suntuosos,

Num tépido aposento em que, qual num herbário,
O ar é perigoso e fatal,
Onde uma flor agonizante em seu sudário
Exala o suspiro final,

10 Um corpo sem cabeça eis que derrama um rio
De sangue rútilo e encarnado,
Encharcando a almofada e o lençol alvadio,
Que o suga qual sequioso prado.

Igual às pálidas visões que a sombra cria
E que o olhar nos escravizam,
A cabeça, com sua hostil crina sombria
E as jóias raras que a matizam,

20 Na mesa junto à cama, assim como um ranúnculo,
Repousa; e, ermo de pensamentos,
Um olhar vago e lívido como o crepúsculo
Lhe flui dos olhos macilentos.

Nu sobre o leito, o torso ostenta sem pudor
E no mais completo abandono
O fascínio fatal e o secreto esplendor
De que a natureza o fez dono.

*Un bas rosâtre, orné de coins d'or, à la jambe,
Comme un souvenir est resté;
La jarrelière, ainsi qu'un œil secret qui flambe,
Darde un regard diamanté.*

*Le singulier aspect de cette solitude
Et d'un grand portrait langoureux,
Aux yeux provocateurs comme son attitude,
Révèle un amour ténébreux,*

*Une coupable joie et des fêtes étranges
Pleines de baisers infernaux,
Dont se réjouissait l'essaim de mauvais anges
Nageant dans les plis des rideaux;*

*Et cependant, à voir la maigreur élégante
De l'épaule au contour heurté,
La hanche un peu pointue et la taille fringante
Ainsi qu'un reptile irrité,*

*Elle est bien jeune encor! — Son âme exaspérée
Et ses sens par l'ennui mordus
S'étaient-ils entr'ouverts à la meute altérée
Des désirs errants et perdus?*

*L'homme vindicatif que tu n'as pu, vivante,
Malgré tant d'amour, assouvir,
Combla-t-il sur ta chair inerte et complaisante
L'immensité de son désir?*

*Réponds, cadavre impur! et par tes tresses roides
Te soulevant d'un bras fiévreux,
Dis-moi, tête effrayante, a-t-il sur tes dents froides
Collé les suprêmes adieux?*

*— Loin du monde railleur, loin de la foule impure,
Loin des magistrats curieux,
Dors en paix, dors en paix, étrange créature,
Dans ton tombeau mystérieux;*

Em torno à perna, a meia ociosa é a derradeira
Lembrança de um risonho instante;
Como o luzir de um olho oculto, a jarreteira
Dardeja um olhar de diamante.

30 O aspecto singular dessa atroz solitude,
Qual de um retrato langoroso
Cujo ferino olhar recorda-lhe a atitude,
Revela um amor tenebroso,

Um estranho festim de prazeres infames
E de carícias libertinas,
Com que anjos maus, nadando em lúbricos enxames,
Regozijam-se entre as cortinas;

40 Entretanto, ao notar-lhe a magreza elegante
Da espádua em ângulo talhada,
A anca um tanto pontuda e o dorso petulante
Qual de uma víbora irritada,

Vê-se que é joyem ainda! — A sua alma exaltada
E os seus apáticos sentidos
Ter-se-iam entreaberto à matilha esfaimada
Dos desejos que erram perdidos?

O homem violento a quem jamais pudeste em vida
Saciар, malgrado tantos beijos,
Satisfez ele, em tua carne entorpecida,
A imensidão de seus desejos?

50 Ó cadáver impuro! em minhas mãos ardentes
Te erguendo pelas rijas tranças,
Dize, cabeça hedionda, ele em teus frios dentes
Colou o adeus sem esperanças?

— Longe do mundo cruel, da multidão impura,
De toda a justiça curiosa,
Dorme em paz, dorme em paz, insólita criatura,
Em tua tumba misteriosa;

*Ton époux court le monde, et ta forme immortelle
Veille près de lui quand il dort;
Autant que toi sans doute il te sera fidèle,
Et constant jusques à la mort.*

CXI

FEMMES DAMNÉES

*Comme un bétail pensif sur le sable couchées,
Elles tournent leurs yeux vers l'horizon des mers,
Et leurs pieds se cherchant et leurs mains rapprochées
Ont de douces lancements et des frissons amers.*

*Les unes, cœurs épris de longues confidences,
Dans le fond des bosquets où jacent les ruisseaux,
Vont épelant l'amour des craintives enfances
Et creusent le bois vert des jeunes arbrisseaux;*

*D'autres, comme des sœurs, marchent lentes et graves
A travers les rochers pleins d'apparitions,
Où saint Antoine a vu surgir comme des laves
Les seins nus et pourprés de ses tentations;*

*Il en est, aux lueurs des résines croulantes,
Qui dans le creux muet des vieux antres païens
T'appellent au secours de leurs fièvres hurlantes,
O Bacchus, endormeur des remords anciens!*

396

60
Teu esposo se foi! e a ti, forma imortal,
Cabe ampará-lo na má sorte;
Tal como o foste, ele também te será leal,
E aos pés há de tê-lo até à morte.

CXI

MULHERES MALDITAS

Como um rebanho absorto e na areia deitadas,
Elas volvem o olhar para o espelho das águas;
Os pés em mudo afago e as mãos entrelaçadas,
Bebem o fel do calafrio e o mel das mágoas.

Umas, o coração abrindo em confidências,
Nos bosques onde se ouve um córrego em segredo,
Vão soletrando o amor em cândidas cadências
E o pólen raspam aos rebentos do arvoredor;

10
Outras, tais como irmãs, andam lentas e cavas
Por entre as rochas apinhadas de ilusões,
Onde viu Santo Antônio aflorar como lavas
Os rubros seios nus de suas tentações;

Outras há que, ao calor da líquida resina,
No côncavo sem voz de um velho antro pagão
Pedem por ti em meio à febre que alucina,
Ó Baco, ao pé de quem dorme toda a aflição!

397

*Et d'autres, dont la gorge aime les scapulaires,
Qui, recelant un fouet sous leurs longs vêtements,
Mêlent, dans le bois sombre et les nuits solitaires,
L'écume du plaisir aux larmes des tourments.*

*O vierges, ô démons, ô monstres, ô martyres,
De la réalité grands esprits contempteurs,
Chercheuses d'infini, dévotes et satyres,
Tantôt pleines de cris, tantôt pleines de pleurs,*

*Vous que dans votre enfer mon âme a poursuivies,
Pauvres sœurs, je vous aime autant que je vous plains,
Pour vos mornes douleurs, vos soifs inassouvies,
Et les urnes d'amour dont vos grands cœurs sont pleins!*

CXII

LES DEUX BONNES SŒURS

*La Débauche et la Mort sont deux aimables filles,
Prodigues de baisers et riches de santé,
Dont le flanc toujours vierge et drapé de guenilles
Sous l'éternel labeur n'a jamais enfanté.*

*Au poète sinistre, ennemi des familles,
Favori de l'enfer, courtisan mal renté,
Tombeaux et lupanars montrent sous leurs charmilles
Un lit que le remords n'a jamais fréquenté.*

398

20
E outras, que adoram pôr ao colo escapulários
E que, escondendo sob as vestes um cilício,
Juntam à noite, pelos bosques solitários,
A espuma do prazer ao gume do suplício.

Ó monstros, ó vestais, ó mártires sombrias,
Espíritos nos quais o real sucumbe aos mitos,
Vós que buscais o além, na prece e nas orgias,
Ora cheias de pranto, ora cheias de gritos,

Vós que minha alma perseguiu em vosso inferno,
Pobres irmãs, eu vos renego e vos aceito,
Por vossa triste dor, vosso desejo eterno,
Pelos urnas de amor que inundam vosso peito!

CXII

AS DUAS BOAS IRMÃS

A Orgia e a Morte são duas jovens graciosas,
Fartas de beijos e de frêmito incontido,
Cujo ventre engastado em ancas andrajosas
Jamais logrou um fruto em si ter concebido.

Ao poeta infausto, hostil às famílias virtuosas,
Favorito do inferno e cortesão falido,
Caves e tumbas oferecem, generosas,
Um leito em que o pesar jamais foi recebido.

399

*Et la bière et l'alcôve en blasphèmes fécondes
Nous offrent tour à tour, comme deux bonnes sœurs,
De terribles plaisirs et d'affreuses douceurs.*

*Quand veux-tu m'enterrer, Débauche aux bras immondes?
O Mort, quand viendras-tu, sa rivale en attraits,
Sur ses myrtes infects enter tes noirs cyprès?*

CXIII

LA FONTAINE DE SANG

*Il me semble parfois que mon sang coule à flots,
Ainsi qu'une fontaine aux rythmiques sanglots.
Je l'entends bien qui coule avec un long murmure,
Mais je me tâte en vain pour trouver la blessure.*

*A travers la cité, comme dans un champ clos,
Il s'en va, transformant les pavés en îlots,
Désaltérant la soif de chaque créature,
Et partout colorant en rouge la nature.*

*J'ai demandé souvent à des vins captieux
D'endormir pour un jour la terreur qui me mine;
Le vin rend l'œil plus clair et l'oreille plus fine!*

*J'ai cherché dans l'amour un sommeil oublié;
Mais l'amour n'est pour moi qu'un matelas d'aiguilles
Fait pour donner à boire à ces cruelles filles!*

400

10 A sepultura e a alcova, em blasfêmias fecundas,
Nos dão de quando em vez, como boas irmãs,
Os prazeres do horror e as carícias malsãs.

Hás de enterrar-me, Orgia, em tuas covas fundas?
Quando virás, ó Morte, envolta em negras vestes,
Sobre os mirtos em flor plantar os teus ciprestes?

CXIII

A FONTE DE SANGUE

Sinto por vezes que meu sangue corre em fluxos,
Assim qual uma fonte em rítmicos soluços.
Eu bem que o escuto numa súplica perdida,
Mas me tateio em vão em busca da ferida..

Pela cidade vai, como entre espessos buxos,
As lajes transformando em ilhas e repuxos,
Matando a sede em cada boca ressequida
E a paisagem deixando em púrpura tingida.

10 Muitas vezes pedi a um vinho caviloso
Aplacar por um dia o horror que me domina;
O vinho aguça o ouvido e os olhos ilumina!

Busquei então no amor um sono descuidoso;
Mas o amor para mim é um leito de suplício
Que a sede há de saciar a essas ninfas do vício!

401

ALLÉGORIE

*C'est une femme belle et de riche encolure,
 Qui laisse dans son vin traîner sa chevelure.
 Les griffes de l'amour, les poisons du tripot,
 Tout glisse et tout s'émousse au granit de sa peau.
 Elle rit à la Mort et nargue la Débauche,
 Ces monstres dont la main, qui toujours gratte et fauche,
 Dans ses jeux destructeurs a pourtant respecté
 De ce corps ferme et droit la rude majesté.
 Elle marche en déesse et repose en sultane;
 Elle a dans le plaisir la foi mahométane.
 Et dans ses bras ouverts, que remplissent ses seins,
 Elle appellé des yeux la race des humains.
 Elle croit, elle sait, cette vierge inféconde
 Et pourtant nécessaire à la marche du monde,
 Que la beauté du corps est un sublime don
 Qui de toute infamie arrache le pardon.
 Elle ignore l'Enfer comme le Purgatoire,
 Et quand l'heure viendra d'entrer dans la Nuit noire,
 Elle regardera la face de la Mort,
 Ainsi qu'un nouveau-né, — sans haine et sans remord.*

ALEGORIA

É uma bela mulher, de aparência altaneira,
 Que deixa mergulhar no vinho a cabeleira.
 As tenazes do amor, os venenos da intriga,
 Nada a epiderme de granito lhe fustiga.
 Da Morte ela se ri e escarnece da Orgia,
 Espectros cuja mão, que ceifa e suplicia,
 Respeitaram, contudo, em seus jogos de horror,
 Neste corpo elegante o rústico esplendor.
 Caminha como deusa e dorme qual sultana,
 10 E mantém no prazer uma fé maometana.
 Braços em cruz, inflando os seios soberanos,
 Com seu olhar convoca a raça dos humanos.
 Ela sabe, ela crê, em seu ventre infecundo,
 E no entanto essencial ao avanço do mundo,
 Que a beleza do corpo é sempre um dom sublime
 Que perdoa a sorrir qualquer infâmia ou crime.
 O Inferno desconhece e o Purgatório ignora,
 E quando a negra Noite anunciar sua hora,
 Da Morte ela há de olhar o rosto apodrecido
 20 — Sem remorso ou rancor, como um recém-nascido.

LA BÉATRICE

*Dans des terrains cendreaux, calcinés, sans verdure,
Comme je me plaignais un jour à la nature,
Et que de ma pensée, en vaguant au hasard,
J'aiguissais lentement sur mon cœur le poignard,
Je vis en plein midi descendre sur ma tête
Un nuage funèbre et gros d'une tempête,
Qui portait un troupeau de démons vicieux,
Semblables à des nains cruels et curieux.
A me considérer froidement ils se mirent,
Et, comme des passants sur un fou qu'ils admirent,
Je les entendis rire et chuchoter entre eux,
En échangeant maint signe et maint clignement d'yeux:*

— *“Contemplons à loisir cette caricature
Et cette ombre d'Hamlet imitant sa posture,
Le regard indécis et les cheveux au vent.
N'est-ce pas grand'pitié de voir ce bon vivant,
Ce gueux, cet histrion en vacances, ce drôle,
Parce qu'il sait jouer artistement son rôle,
Vouloir intéresser au chant de ses douleurs
Les aigles, les grillons, les ruisseaux et les fleurs,
Et même à nous, auteurs de ces vieilles rubriques,
Réciter en hurlant ses tirades publiques?”*

A BEATRIZ

Num solo hostil, crestado e cheio de aspereza,
Enquanto eu me queixava um dia à natureza,
E de meu pensamento ao acaso vagando
Fosse o punhal no coração sem pressa afiando,
Em pleno dia eu vi, sobre a minha cabeça,
Prenúncio de borrasca, uma nuvem espessa,
Trazendo um bando de demônios maliciosos,
Semelhantes a anões perversos e curiosos.
Entreolham-se a mirar-me, aguda e friamente,
10 E, como o povo que na rua olha um demente,
Eu os ouvia rir, entre si cochichando,
Piscando os olhos e também sinais trocando:

“Contemplemos em paz essa caricatura
Que do fantasma de Hamlet imita a postura,
Os cabelos ao vento e o ar sempre hesitante.
Não causa pena ver agora esse farsante,
Esse idiota, esse histrião ocioso, esse indigente,
Que seu papel de artista ensaia à nossa frente,
20 Querer interessar, cantando as suas dores,
Os grilos, os falcões, os córregos e as flores,
E mesmo a nós, que concebemos esses prólogos,
Aos berros recitar na praça os seus monólogos?”

*J'aurais pu (mon orgueil aussi haut que les monts
Domine la nuée et le cri des démons)
Détourner simplement ma tête souveraine,
Si je n'eusse pas vu parmi leur troupe obscène,
Crime qui n'a pas fait chanceler le soleil!
La reine de mon cœur au regard nonpareil,
Qui riait avec eux de ma sombre détresse
Et leur versait parfois quelque sale caresse.*

CXVI

UN VOYAGE A CYTHÈRE

*Mon cœur, comme un oiseau, voltigeait tout joyeux
Et planait librement à l'entour des cordages;
Le navire roulait sous un ciel sans nuages,
Comme un ange enivré d'un soleil radieux.*

*Quelle est cette île triste et noire? — C'est Cythère,
Nous dit-on, un pays fameux dans les chansons,
Eldorado banal de tous les vieux garçons.
Regardez, après tout, c'est une pauvre terre.*

Com meu orgulho sem limite, eu poderia
Domar a nuvem dos anões em gritaria,
Deles desviando a fronte esplêndida e serena,
Caso não visse erguer-se em meio à corja obscena
— Crime que até a luz do próprio sol abala! —
A deusa a cujo olhar outro nenhum se iguala,
Que com eles de minha angústia escarnecia
E às vezes um afago imundo lhes fazia.

CXVI

UMA VIAGEM A CITERA

Voava o meu coração como um pássaro ocioso
E ao redor do cordame em pleno azul pairava;
Sob um límpido céu, o navio flutuava
Como um anjo inebriado à luz do sol radioso.

Mas que ilha é esta, triste e sombria? — É Citera,⁵⁹
Dizem-nos, um país em canções celebrado
E dos jovens, outrora, o banal Eldorado.⁶⁰
Olhai, enfim: um solo inóspito, eis o que era.

⁵⁹ Ou Cérigo. Em gr. cláss., *Kýthēra*, ou mod., *Kithira*, ilha grega situada entre o Peloponeso e Creta. Feitoria fenícia no séc. X a.C., em meados do séc. VII a.C. tornou-se possessão de Argos e, logo após, de Esparta. Era célebre por sua produção de púrpura e pelo santuário de Afrodite Anadiomena ou Vênus, que, nascida da espuma das ondas, teria se apossado da ilha. (N. do T.)

⁶⁰ País imaginário da América que os conquistadores espanhóis supunham existir entre os rios Amazonas e Orenoco e que, segundo eles, abundava em ouro. Por extensão, país maravilhoso por suas riquezas e prazeres. (Nota do editor francês.)

— Ile des doux secrets et des fêtes du cœur!
De l'antique Vénus le superbe fantôme
Au-dessus de tes mers plane comme un arôme,
Et charge les esprits d'amour et de langueur.

Belle île aux myrtes verts, pleine de fleurs écloses,
Vénérée à jamais par toute nation,
Où les soupirs des cœurs en adoration
Roulent comme l'encens sur un jardin de roses :

Ou le roucoulement éternel d'un ramier!
— Cythère n'était plus qu'un terrain des plus maigres,
Un désert rocailleux troublé par des cris aigrés.
J'entrevois pourtant un objet singulier!

Ce n'était pas un temple aux ombres bocagères,
Où la jeune prêtresse, amoureuse des fleurs,
Allait, le corps brûlé de secrètes chaleurs
Entre-bâillant sa robe aux brises passagères;

Mais voilà qu'en rasant la côte d'assez près
Pour troubler les oiseaux avec nos voiles blanches,
Nous vîmes que c'était un gibet à trois branches,
Du ciel se détachant en noir, comme un cyprès.

De féroces oiseaux perchés sur leur pâture
Détruisaient avec rage un pendu déjà mûr,
Chacun plantant, comme un outil, son bec impur
Dans tous les coins saignants de cette pourriture;

Les yeux étaient trous, et du ventre effondré
Les intestins pesants lui coulaient sur les cuisses,
Et ses bourreaux, gorgés de hideuses délices,
L'avaient à coups de bec absolument châtré.

Sous les pieds, un troupeau de jaloux quadrupèdes,
Le museau relevé, tournoyait et rôdait;
Une plus grande bête au milieu s'agitait
Comme un exécuter entouré de ses aides.

10 — Ilha dos corações em festiva embriaguez!
Da antiga Vênus nua a imagem soberana
Como um perfume à tona de teus mares plana
E enche os espíritos de amor e languidez.

Ilha do verde mirto e das flores vistosas,
Venerada afinal por todas as nações,
Onde os suspiros de ardorosos corações
Flutuam como o incenso entre jardins de rosas

20 Ou como nos pombais o eterno arrulho inquieto!
— Citera era somente um chão dos mais desnudos,
Um áspero deserto a ecoar gritos agudos.
Eu via ali, no entanto, um singular objeto!

Não era um templo antigo à sombra das figueiras,
Onde a sacerdotisa, amorosa das flores,
Ia, o corpo a pulsar em secretos calores,
A túnica entreabrindo às brisas passageiras;

Mas eis que bordejando ao pé da costa agreste,
As velas pondo em fuga as aves e os sargaços,
Vimos então que era uma força de três braços,
A erguer-se negra para o céu como um cipreste.

30 Ferozes pássaros que o odor da morte atiça
Destroçavam com raiva um pútrido enforcado,
Todos cravando, qual verruma, o bico afiado
Em cada poro ainda sangrento da carniça;

Os olhos eram dois buracos e, rasgado,
O ventre escoava os intestinos sobre as coxas,
E seus algozes, comensais de entranhas roxas,
A bicadas o sexo haviam-lhe arrancado.

40 A seus pés, um tropel de bestas ululantes,
Focinho arreganhado, às cegas rodopiava;
Uma fera maior ao centro se agitava,
Como um executor em meio aos ajudantes.

*Habitant de Cythère, enfant d'un ciel si beau,
Silencieusement tu souffrais ces insultes
En expiation de tes infâmes cultes
Et des péchés qui t'ont interdit le tombeau.*

*Ridicule pendu, tes douleurs sont les miennes!
Je sentis, à l'aspect de tes membres flottants,
Comme un vomissement, remonter vers mes dents
Le long fleuve de fiel des douleurs anciennes;*

*Devant toi, pauvre diable au souvenir si cher,
J'ai senti tous les becs et toutes les mâchoires
Des corbeaux lancinants et des panthères noires
Qui jadis aimaient tant à triturer ma chair.*

*— Le ciel était charmant, la mer était unie;
Pour moi tout était noir et sanglant désormais,
Hélas! et j'avais, comme en un suaire épais,
Le cœur enseveli dans cette allégorie.*

*Dans ton île, ô Vénus! je n'ai trouvé debout
Qu'un gibet symbolique où pendait mon image...
— Ah! Seigneur! donnez-moi la force et le courage
De contempler mon cœur et mon corps sans dégoût!*

Ó filho de Citera, herdeiro da luz pura,
Em teu silêncio suportavas tais insultos
Como dura expiação dos teus infames cultos
E pecados, sem ter direito a sepultura!

Ridículo enforcado, eu sofro iguais horrores,
E sinto, ao contemplar-te as vértebras pendentes,
Subir-me, qual se fosse um vômito entre os dentes,
A torrente de fel das minhas velhas dores;

50 Ao ver-te, pobre-diabo, ainda suspenso agora,
Em mim senti todos os bicos e os caninos
Dos abutres em fúria e tigres assassinos
Que amavam tanto a carne espedaçar-me outrora.

— Translúcido era o céu, o mar em calma;
Mas para mim tudo era escuro e solitário,
E o coração, como entre as sombras de um sudário,
Eu envolvera nessa estranha alegoria.

Vênus, em tua ilha eu vi um só despojo
Simbólico: uma forca, e nela a minha imagem...
60 — Ah, Senhor, dai-me a força e insuflai-me a coragem
De olhar meu coração e meu corpo sem nojo!

L'AMOUR ET LE CRÂNE

VIEUX CUL-DE-LAMPE

*L'amour est assis sur le crâne
De l'Humanité,
Et sur ce trône le profane,
Au rire effronté,*

*Souffle gaiement des bulles rondes
Qui montent dans l'air,
Comme pour rejoindre les mondes
Au fond de l'éther.*

*Le globe lumineux et frêle
Prend un grand essor,
Crève et crache son âme grêle
Comme un songe d'or.*

*J'entends le crâne à chaque bulle
Prier et gémir:
"Ce jeu féroce et ridicule,
Quand doit-il finir?"*

*Car ce que ta bouche cruelle
Éparpille en l'air,
Monstre assassin, c'est ma cervelle,
Mon sang et ma chair!"*

O AMOR E O CRÂNIO

VELHA VINHETA

Sobre o crânio da raça humana
O amor faz seu ninho,
E nessa atitude profana,
Com riso escarninho,

Bolhas redondas lhe apetece
Deixar ir subindo,
Como se os sóis reunir quisesse
No vazio infindo.

10 A esfera tibia e cristalina,
Com súbito estouro,
Rebenta e cospe a alma franzina
Como um sonho de ouro.

Em cada bolha o crânio escuto
Gemer e implorar:
"Este jogo cômico e bruto
Quando há de acabar?"

20 Pois o que a tua boca expele
No ar como destroços,
Monstro assassino, é minha pele,
Meu sangue e meus ossos!"

RÉVOLTE

REVOLTA

LE RENIEMENT DE SAINT PIERRE

*Qu'est-ce que Dieu fait donc de ce flot d'anathèmes
Qui monte tous les jours vers ses chers Séraphins?
Comme un tyran gorgé de viande et de vins,
Il s'endort au doux bruit de nos affreux blasphèmes.*

*Les sanglots des martyrs et des suppliciés
Sont une symphonie enivrante sans doute,
Puisque, malgré le sang que leur volupté coûte,
Les cieux ne s'en sont point encore rassasiés!*

— *Ah! Jésus, souviens-toi du Jardin des Olives!
Dans ta simplicité tu priais à genoux
Celui qui dans son ciel riait au bruit des clous
Que d'ignobles bourreaux plantaient dans tes chairs vives.*

*Lorsque tu vis cracher sur ta divinité
La crapule du corps de garde et des cuisines,
Et lorsque tu sentis s'enfoncer les épines
Dans ton crâne où vivait l'immense Humanité;*

*Quand de ton corps brisé la pesanteur horrible
Allongeait tes deux bras distendus, que son sang
Et sa sueur coulaient de ton front pâlisant,
Quand tu fus devant tous posé comme une cible,*

*Révais-tu de ces jours si brillants et si beaux
Où tu vins pour remplir l'éternelle promesse,
Où tu foulais, monté sur une douce ânesse,
Des chemins tout jonchés de fleurs et de rameaux,*

A NEGAÇÃO DE SÃO PEDRO

O que faz Deus dessa onda infame de heresias
Que se ergue a cada instante até seus Serafins?
Como um tirano afeito aos vinhos e aos festins,
Dorme ele ao som de nossas ímpias litanias.

Os soluços dos mártires e supliciados
São qual uma cantata embriagadora e augusta,
Pois, apesar da dor que a volúpia lhes custa,
Jamais deles os céus sentiram-se saciados!

— *Recorda-te, Jesus, no Horto das Oliveiras,
Oravas, ajoelhado e humilde, os olhos cavos,
Àquele que no céu sorria ao soar dos cravos
Que te enterravam carne adentro mãos grosseiras.*

Quando viste escarrar em tua divindade
A imunda corja dos soldados e meirinhos,
E sentiste afligir a ponta dos espinhos
Teu crânio onde vivia a imensa Humanidade;

E quando de teu corpo exausto o horrível peso
Os teus dois braços alongava no madeiro,
O suor e o sangue a ungir-te a fronte por inteiro,
Quando ante todos te tornaste alvo indefeso,

Pensavas tu nos dias cheios de esplendores
Em que surgias anunciando o reino eterno
E percorrias, sobre um asno fiel e terno,
Caminhos que eram só de ramos e de flores,

*Où, le cœur tout gonflé d'espoir et de vaillance,
Tu fouettais tous ces vils marchands à tour de bras,
Où tu fus maître enfin? Le remords n'a-t-il pas
Pénétré dans ton flanc plus avant que la lance?*

*— Certes, je sortirai, quant à moi, satisfait
D'un monde où l'action n'est pas la sœur du rêve;
Puissé-je user du glaive et périr par le glaive!
Saint Pierre a renié Jésus... il a bien fait!*

CXIX

ABEL ET CAÏN

I

*Race d'Abel, dors, bois et mange;
Dieu te sourit complaisamment.*

*Race de Caïn, dans la fange
Rampe et meurs misérablement.*

*Race d'Abel, ton sacrifice
Flatte le nez du Séraphin!*

*Race de Caïn, ton supplice
Aura-t-il jamais une fin?*

418

Em que, a alma pródiga de audácia e de esperança,
Aos vendilhões do templo açoitavas o dorso,
Em que tu foste o mestre enfim? Dize: o remorso
Teu flanco não rasgou mais fundo do que a lança?

30 — Quanto a mim, isto é certo, eu saio satisfeito
Deste mundo onde o sonho e a ação vivem a sós;
Possa eu usar a espada e a espada ser-me o algoz!
São Pedro renegou Jesus... Pois foi bem-feito!

CXIX

ABEL E CAIM

I

Raça de Abel, frui, come e dorme,
Deus te sorri bondosamente.

Raça de Caim, no lodo informe
Roja-te e morre amargamente.

Raça de Abel, teu sacrificio
Doce é ao nariz do Serafim!

Raça de Caim, teu suplício
Quando afinal há de ter fim?

419

*Race d'Abel, vois tes semailles
Et ton bétail venir à bien;*

*Race de Caïn, tes entrailles
Hurlent la faim comme un vieux chien.*

*Race d'Abel, chauffe ton ventre
A ton foyer patriarcal;*

*Race de Caïn, dans ton antre
Tremble de froid, pauvre chacal!*

*Race d'Abel, aime et pullule!
Ton or fait aussi des petits.*

*Race de Caïn, cœur qui brûle,
Prends garde à ces grands appétits.*

*Race d'Abel, tu crois et broutes
Comme les punaises des bois!*

*Race de Caïn, sur les routes
Traîne ta famille aux abois.*

II

*Ah! race d'Abel, ta charogne
Engraissera le sol fumant!*

*Race de Caïn, ta besogne
N'est pas faite suffisamment;*

*Race d'Abel, voici ta honte:
Le fer est vaincu par l'épieu!*

*Race de Caïn, au ciel monte
Et sur la terre jette Dieu!*



10 Raça de Abel, tuas sementes
E teus rebanhos férteis são;

Raça de Caim, teus parques dentes
Rangem de fome e privação!

Raça de Abel, teu ventre aquece
Junto à lareira patriarcal;

Raça de Caim, treme e padece
Em teu covil, pobre chacal!

Raça de Abel, goza e pulula!
Teu ouro é pródigo em rebentos;

20 Raça de Caim, refreia a gula,
Ó coração que arde em tormentos!

Raça de Abel, cresces e brotas
Como os insetos do arvoredo;

Raça de Caim, por ínvias rotas,
Arrasta os teus à infâmia e ao medo.

II

Raça de Abel, tua carcaça
Aduba o solo fumegante!

Raça de Caim, tua argamassa
Jamais foi sólida o bastante;

30 Raça de Abel, eis teu fracasso:
Do ferro o chuço ganha a guerra!

Raça de Caim, sobe ao espaço
E Deus enfim deita por terra!



LES LITANIES DE SATAN

*O toi, le plus savant et le plus beau des Anges,
Dieu trahi par le sort et privé de louanges,*

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

*O Prince de l'exil, à qui l'on a fait tort,
Et qui, vaincu, toujours te redresses plus fort,*

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi qui sais tout, grand roi des choses souterraines,
Guérisseur familier des angoisses humaines,*

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi qui, même aux lépreux, aux parias maudits,
Enseignes par l'amour le goût du Paradis,*

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

*O toi qui de la Mort, ta vieille et forte amante,
Engendras l'Espérance, — une folle charmante!*

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi qui fais au proscrit ce regard calme et haut
Qui damne tout un peuple autour d'un échafaud,*

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

AS LITANIAS DE SATÃ

Ó tu, o anjo mais belo e sábio entre teus pares,
Deus que a sorte traiu e expulsou dos altares,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Ó Príncipe do exílio, a quem fizeram mal
E que, vencido, sempre te ergues mais triunfal,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que vês tudo, ó rei das trevas soberanas,
Charlatão familiar das angústias humanas,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

10 Tu que, mesmo ao leproso e ao pária, se preciso,
Ensinas por amor o amor do Paraíso,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que da Morte, tua antiga e fiel amante,
Engendraste a Esperança — a louca fascinante!

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que dás ao proscrito esse alto e calmo olhar
Que leva o povo ao pé da forca a desvairar,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

*Toi qui sais en quels coins des terres envieuses
Le Dieu jaloux cache les pierres précieuses,*

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi dont l'œil clair connaît les profonds arsenaux
Où dort enseveli le peuple des métaux,*

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi dont la large main cache les précipices
Au somnambule errant au bord des édifices,*

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi qui, magiquement, assouplis les vieux os
De l'ivrogne attardé foulé par les chevaux,*

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi qui, pour consoler l'homme frêle qui souffre,
Nous appris à mêler le salpêtre et le soufre,*

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi qui poses ta marque, ô complice subtil,
Sur le front du Crésus impitoyable et vil,*

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Toi qui mets dans les yeux et dans le cœur des filles
Le culte de la plaie et l'amour des guenilles,*

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

*Bâton des exilés, lampe des inventeurs,
Confesseur des pendus et des conspirateurs,*

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

20 Tu que bem sabes em que terras invejosas
O Deus ciumento esconde as pedras mais preciosas,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu cujo olhar desvela os fundos arsenais
Onde sepulto dorme o povo dos metais,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu cuja larga mão oculta os precipícios
Ao sonâmbulo a errar no alto dos edifícios,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que, magicamente, amacias os ossos
Do ébrio tardio que um tropel fez em destroços,

30 Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que, para o consolo eterno de quem sofre,
Nos ensinaste a unir o salitre ao enxofre,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que pões tua marca, ó cúmplice sutil,
Sobre a fronte do Cresos implacável e vil,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que infundes no olhar e na alma das donzelas
O amor aos trapos e a paixão pelas mazelas,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

40 Bastão do desterrado, archote do inventor,
Confessor do enforcado e do conspirador,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

*Père adoptif de ceux qu'en sa noire colère
Du paradis terrestre a chassés Dieu le Père,*

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

PRIÈRE

*Gloire et louange à toi, Satan, dans les hauteurs
Du Ciel, où tu régnas, et dans les profondeurs
De l'Enfer, où, vaincu, tu rêves en silence!
Fais que mon âme un jour, sous l'Arbre de Science,
Près de toi se repose, à l'heure où sur ton front,
Comme un Temple nouveau ses rameaux s'épandront!*

Pai adotivo dos que, em cólera sombria,
O Deus Padre banuiu do Éden terrestre um dia,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

ORAÇÃO

Glória e louvor a ti, Satã, lá nas alturas
Do Céu, onde reinaste, e nas furnas escuras
Do Inferno, onde, vencido, sonhas silencioso!
Sob a Árvore da Ciência, um dia, que o repouso
50 Minha alma encontre em ti, quando na tua testa
Seus ramos expandir qual novo Templo em festa!